

JULIÁN  
CARRÓN

O DESPERTAR  
DO HUMANO

*Reflexões de um tempo vertiginoso*



Julián Carrón

# O despertar do humano

Reflexões de um tempo vertiginoso

organização de Alberto Savorana

© 2020 Fraternidade de Comunhão e Libertação  
Edição italiana: BUR Rizzoli, Milão, abril de 2020 (e-book),  
junho de 2020 (paperback)

O despertar do humano



*No espaço de poucas semanas, a emergência de saúde pública provocada pelo Covid-19 tornou-se uma experiência comum. Todos, de maneiras diferentes, nos sentimos interpelados. Paradoxalmente, a situação de isolamento em que nos encontramos tornou-se a ocasião de um grande diálogo à distância.*

*Qualquer pessoa, de uma forma ou de outra, tenta confrontar-se com um dado imprevisto que irrompeu na nossa vida quotidiana, impondo uma mudança drástica de estilos de vida, suscitando perguntas urgentes que não conseguimos ignorar. Que respostas estão à altura da situação?*

*O padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, tem vindo a confrontar-se com as perguntas de todos. E, nestas páginas, oferece um contributo para a reflexão comum.*



## *O que está a acontecer?*

Estamos diante de um desafio sem precedentes para a nossa geração. O poeta espanhol Julio Llamazares resumiu-o bem, no jornal *El País*: «Hoje faço 65 anos, no momento mais crítico que alguma vez conheci».<sup>1</sup>

A situação que estamos a viver tornou-nos conscientes de que nestes anos vivemos, em certo sentido, como que numa bolha, que nos fazia sentir suficientemente protegidos dos golpes da vida. E assim seguimos em frente distraídos, fingindo que tudo estava sob o nosso controlo. Mas as circunstâncias reviraram os nossos planos e chamaram-nos bruscamente a responder, a levar a sério o nosso eu, a questionarmo-nos sobre a nossa efetiva situação existencial. Nestes tempos, a realidade abalou a nossa rotina mais ou me-

1 *El País*, 28 de março de 2020.

nos tranqüila, assumindo o rosto ameaçador do Covid-19, um novo vírus, que provocou uma emergência de saúde pública internacional.

A realidade, da qual muitas vezes fugimos para poder respirar, devido à incapacidade de estarmos connosco mesmos, desta vez foi inclemente, obrigando a maioria de nós a ficar trancada em casa, a parar. E neste isolamento surge diante dos nossos olhos – talvez pela primeira vez de modo tão evidente e difundido – a nossa condição existencial. Como li anos há uns anos num jornal americano, um preso, obrigado a lidar com anos de privação da liberdade, no fim não pôde deixar de parar e pensar: «Stop and think». Também nós, habituados a fugir de mil maneiras de nós mesmos e do apelo profundo das coisas, talvez neste período não tenhamos podido deixar de parar e pensar.

*O que fez rebentar a “bolha” de uma vida sob controlo?*

A irrupção imprevista e imprevisível da realidade, com o rosto do Coronavírus. Descreve-o de forma eficaz um romancista espanhol, José Ángel González Sainz: «Na vida

de um país ou de uma pessoa, há momentos em que a realidade, a realidade mais concreta e objetiva, a mais crua e menos temperada pelas receitas e pelos cozinheiros habituados a cozinhar mentalidades e histórias, irrompe inesperadamente com uma violência assustadora à qual não estávamos habituados. A realidade não se torna real nesse momento, tinha sempre sido real, estava lá desde o início, mas a sua maior ligeireza permitiu-nos que não a olhássemos continuamente cara a cara, bastava fazê-lo pelo canto do olho e concentrarmo-nos nas histórias e ilusões que nos eram servidas, mais ou menos agradáveis ou enganadoras. [...] Quando aquilo que se encontra no fundo efetivo e indiscutível das coisas, que as sustenta a todas, rebenta de repente e se espalha fugindo ao controlo – ou à vertigem – da parte ilusória da nossa vida, a visão da ilusão em que vivemos, e a partir da qual considerámos a realidade, treme. É o que está a acontecer agora, em todo o lado».

O que aconteceu é como um maremoto, uma erupção vulcânica, que nos encontrou inermes. González Sainz prossegue revelando o motivo de tal fraqueza: «O hábito de substituir as coisas e os factos pelo seu uso estrategicamente fraudulento, a realidade

pela ideologia, a verdade pela impunidade do engano e o essencial pela banalidade, deixa-nos nas piores condições para enfrentarmos uma verdadeira e autêntica vingança da realidade».<sup>2</sup> A realidade rebelou-se contra o seu desconhecimento, reivindicou de repente o seu papel “primário”. Como escreve Fernando De Haro, um amigo jornalista da rádio espanhola, fazendo eco do romancista citado: «A realidade [...] estava ali, mas não a vimos. Agora irrompeu fazendo barulho. [...] A realidade entrou sem pedir licença. [...] Agora, aquilo de que precisamos é de fazer das “entranhas da realidade o coração da inteligência” (J. A. González Sainz)».<sup>3</sup>

*Mas o que significa «fazermos das “entranhas da realidade o coração da inteligência”»?*

Significa que a irrupção poderosa da realidade fez vir ao de cima, em todo o seu alcance, aquela exigência de perceber a que chamamos «razão». Às vezes, devido às dificuldades da vida ou por preguiça, nós paramos o

<sup>2</sup> «El Mundo». *Portada del Viernes*, 20 de março de 2020.

<sup>3</sup> *ilsussidiario.net*, 24 de março de 2020.

caminho do olhar e detemo-nos na aparência, permanecendo na superfície das coisas, como se o mundo todo se esgotasse nos lugares comuns que respiramos ou no que vemos através do buraco da fechadura da nossa medida racionalista: uma medida estreita, demasiado pequena, e no fim sufocante (esse sufocar é precisamente o alerta de que ficámos na aparência). Só o impacto – aceite – com a realidade pode escancarar novamente a razão. É sempre um impacto, um sermos atingidos, o que faz com que os nossos olhos se abram: o conhecimento implica, no seu aparecimento e no seu desenvolvimento, uma dimensão afetiva original. Quanto mais uma realidade nos impressiona e nos interessa, mais o olhar da razão se abre, se estende, se aguça, não se contenta com soluções baratas. As coisas só se revelam, no seu sentido e na sua premência existencial, a uma razão afetivamente empenhada. O sentimento que a realidade suscita (espanto, medo, curiosidade) é um fator essencial para a visão, é uma “lente” que aproxima o objeto. É o que se tem verificado.

O que aconteceu despertou a nossa atenção, pondo em marcha a nossa razão, levando-nos a reconhecer, para além de esquemas cómodos, que «há mais coisas no céu e a ter-

ra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia», usando as palavras de Shakespeare.<sup>4</sup> Ou seja, neste momento a razão reaparece como «aquele acontecimento singular da Natureza em que esta se revela como exigência operativa destinada a explicar a realidade em *todos os seus factores*, de tal maneira que o homem seja introduzido na verdade das coisas».<sup>5</sup>

Percebemos agora porque é que acabámos na bolha. Durante muito tempo, pudemos talvez permitir-nos desertar o impacto com a realidade – que, no entanto, nunca deixou de acontecer e de nos interpelar –, não nos deixámos desafiar por ela, acreditámos tê-la domesticado, protegidos por uma condição privilegiada de vida. «Alguém que tivesse vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, tivesse tido muito poucas obrigações, teria um débil sentido da consciência pessoal, pouco perceberia da energia e vibração da sua razão».<sup>6</sup> Hoje é, não digo impossível – pois não há nada

<sup>4</sup> Cf. Shakespeare, *Hamlet*, Ato I, cena V.

<sup>5</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2002, p. 137.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 141.

de mecânico na experiência humana –, mas de certeza tremendamente difícil subtrair-se ao impacto da realidade, que se tornou tão inexorável e dramaticamente desafiadora. De qualquer maneira, quem se poupar à provocação do real, dos acontecimentos, não poderá experimentar completamente aquela vibração inefável da razão e do coração que nos torna homens. E nas últimas semanas, vimos acontecer copiosamente os sinais desta humanidade, que nos encheram de gratidão e de espanto.

*O que entende com “vibração inefável da razão”?*

As perguntas que nos assaltaram a todos. O desafio que a realidade nos dirigiu “obrigou-nos” a olhar de forma mais profunda para a nossa condição de homens. Fomos arrancados da zona de conforto em que nos tínhamos confortavelmente instalado, e fomos assaltados por perguntas que, normalmente, de forma mais ou menos intencional, evitamos ou afogamos nas rotinas quotidianas. Umberto Galimberti sublinha-o bem, respondendo a uma leitora: «Na condição insólita em que nos encontramos, devido

ao efeito da suspensão das nossas atividades diárias, neste estado de desorientação, não seria o caso de se dirigirem à vossa interioridade, que normalmente negligenciam, para saberem quem são? O que fazem no mundo? Que sentido tem a vossa vida? [...] Estas reflexões seriam realmente um passo à frente para sermos verdadeiramente homens, porque viver à própria revelia não é exatamente o máximo para a nossa autorrealização e para encontrarmos um sentido para a nossa existência».<sup>7</sup> Toda a crise, todo e qualquer golpe profundo da realidade, como nos ensina Hannah Arendt, «obriga-nos a voltar às perguntas»,<sup>8</sup> faz com que o nosso eu apareça em toda a sua exigência de significado, faz-nos gritar: porquê?

*São perguntas que perturbam, inquietam, nos obrigam a pensar em algo que nos escapa...*

São as perguntas da razão, que acompanham estruturalmente o caminho do homem enquanto criatura consciente de si. Elas mostram

<sup>7</sup> *la Repubblica*, 21 de março de 2020.

<sup>8</sup> H. Arendt, *Tra passato e futuro*, Garzanti, Milão 1991, p. 229.

a busca radical e inesgotável de um sentido do eu diante daquilo que acontece – a realidade, a dor, a morte – e ao mesmo tempo a profunda coincidência entre racionalidade e religiosidade. Uma coincidência que poderá surpreender quem tiver sido habituado, pela nossa cultura, a reduzir a religiosidade a sentimento, a *feeling*. A manifestação daquelas perguntas (que significado tem a existência? por que razão existe a dor, a morte? no fundo, por que razão vale a pena viver? de quê e para quê foi feita a realidade?) expressa a vocação da razão e aquela que eu considero a religiosidade autêntica e inevitável do homem.

*O que é que se revelou à razão na situação atual?*

Uma fragilidade estrutural – não contingente ou provisória –, vinda ao de cima em toda a sua dramaticidade. Muitos escreveram sobre isso nestes tempos. Queria citar aqui dois amigos muito queridos, Pilar Rahola e Pedro G. Cuartango, conhecidos intelectuais respetivamente de Barcelona e de Madrid, que se confrontaram com a pandemia que pôs de joelhos também o meu país natal. Rahola declara: «O choque desta pandemia faz-nos sentir, por exemplo, muito mais vulneráveis,

finalmente convencidos de que o nosso modelo de vida, e a própria vida, são enormemente frágeis. Uma ideia de fragilidade que talvez tenha estado presente em toda a história da humanidade, mas que tínhamos esquecido nesta época de orgulho tecnológico. Um simples vírus da gripe, e de repente, o caos no mundo... Sim, sem dúvida voltaremos com uma maior consciência da nossa vulnerabilidade». <sup>9</sup> Que somos vulneráveis não é uma novidade, é uma condição que encontramos inscrita em nós desde o nascimento; mas em tempos de orgulho tecnológico, em que tudo parecia estar nas nossas mãos, de algum modo tínhamo-nos esquecido disso, deixado de lado, perdendo a percepção daquilo que somos. Foi a ruptura da realidade que nos devolveu a consciência de algo que, como vemos, é evidente mas não óbvio. «Esta peste – sublinha Pedro G. Cuartango – torna-nos conscientes da fragilidade dos seres humanos e da sua profunda insignificância diante de forças da natureza que não controlamos. Conservemos esta lição sobre aquilo que não somos». <sup>10</sup>

<sup>9</sup> *La Vanguardia*, 26 de março de 2020.

<sup>10</sup> *ABC*, 24 de março de 2020.

Neste sentido, acho pertinente a consideração de Jean-Pierre Le Goff, no *Le Figaro*: «Temos de nos confrontar com o trágico e somos mais uma vez colocados diante dos limites da nossa condição, da “fragilidade das coisas humanas” [...]. Este tempo suspenso pode ser a ocasião para nos recentrarmos no essencial, para tentarmos perceber os desafios do nosso tempo. [...] A ruptura introduzida por esta epidemia [...] coloca em discussão ideias e representações que pareciam solidamente ancoradas [...]. A vida moderna parece estar estruturada nos antípodas da ideia pascaliana segundo a qual “toda a infelicidade do homem deriva da sua incapacidade de estar sozinho no seu quarto”. [...] A epidemia obriga-nos a confrontarmo-nos com o trágico da história sem escapatórias. [...] cabe a cada um de nós retirar dela as devidas lições».<sup>11</sup>

*A experiência renovada da nossa fragilidade aproxima-nos a todos...*

Sim, ouvimos o Papa Francisco dizer isso na transmissão mundial, numa praça de São Pedro deserta, na noite de sexta-feira 27 de

<sup>11</sup> *Il Foglio*, 30 de março de 2020.

março, de um modo e com uma intensidade que deixaram todos em silêncio: «Demo-nos conta de estar todos no mesmo barco, frágeis e desorientados [...]. A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construimos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixámos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de “empacotar” e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiar com hábitos aparentemente “salvadores”, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. Com a tempestade, caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem». E no mesmo barco, Francisco colocou-nos a nós, que fomos assaltados pela tempestade, juntamente com toda a família humana e a Criação: «Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertámos diante de guerras e injustiças planetárias,

não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente doente. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora, do meio deste mar agitado, imploramos-Te: ‘Acorda, Senhor!’».<sup>12</sup>

*Mas o que é que ganhamos em nos descobriremos frágeis, vulneráveis? Para que serve?*

Para nos tirar do torpor em que habitualmente vivemos, para nos arrancar da distração a que muitas vezes nos entregamos quase sem o sabermos, para interromper aquela obtusidade que tantas vezes nos envolve: «Tudo conspira para nos calar, / como se cala / uma vergonha, talvez um pouco como se cala / uma esperança infável».<sup>13</sup> Mas não se trata apenas de nos descobriremos frágeis («Longe do próprio ramo, / ó pobre folha

<sup>12</sup> Francisco, *Momento extraordinário de oração*, 27 de março de 2020.

<sup>13</sup> Cf. R. M. Rilke, “Segunda Elegia” (v. 42-44). In: *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 115.

frágil, / aonde vais tu?»<sup>14</sup>, dizia Leopardi). A própria percepção da nossa fragilidade acarreta consigo, de facto, como condição sua, a grandeza do humano, o «Mistério eterno / do nosso ser»: «Ó natureza humana, / se em tudo és frágil, vil, / se és pó e sombra, como no alto vagas?»<sup>15</sup>. A acusação do limite, da finitude, o sentido do trágico implicam aquela infinidade do desejo que nos define como homens, antes mesmo de o sabermos. «Imaginar infinita a quantidade de mundos, o universo infinito, e sentir que a nossa alma e o nosso desejo são ainda mais vastos que tal universo»<sup>16</sup>. A essa grandeza pertence também a constatação da nossa contingência: não nos fazemos por nós, não somos nós quem nos dá o nosso ser. No fundo de nós domina uma dependência. Temos hoje, de maneira particular, a possibilidade de nos tornarmos mais conscientes disso.

<sup>14</sup> G. Leopardi, “Imitação” (vv. 1-3). In: Idem, *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 296.

<sup>15</sup> Idem, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo” (vv. 22-23, 49-51). In: *Ibidem*, pp. 276-277.

<sup>16</sup> Idem, “Pensamentos” (LXVIII). In: *Ibidem*, p. 497.

*Observou algum sinal de um tal “abanão” da consciência?*

Sim, e não apenas entre personalidades e escritores, de quem seria mais óbvio esperar isso. Conta-nos um professor reformado, envolvido numa iniciativa de apoio escolar para jovens de origem estrangeira: «Hoje, um raio de luz no meio das notícias cada vez mais alarmantes sobre o Coronavírus. Fizemos uma videoconferência, para quem quisesse, com os nossos alunos do *Portofranco* que fazem connosco o curso de italiano. São rapazes e raparigas estrangeiros, egípcios e marroquinos», de várias religiões, também muçulmanos. «Conversámos sobre como estamos a viver esta situação: o medo, as preocupações, a escola que está fechada. A dada altura, um deles disse que este episódio evidencia o limite do homem e começou um diálogo sobre este tema. Um diálogo que coloca em evidência uma certa distância em relação a quem é Deus, mas onde ao mesmo tempo vem ao de cima que aquilo que nos une a todos é a busca dum sentido dentro deste drama, e a pergunta sobre por que é uma provação para cada um. Uma conversa intensa sem preconceitos, com uns a perceber as razões

dos outros. Uma conversa livre, entre pessoas que estão a levar a sério o que nos está a acontecer e o estão a viver como verificação do que vale a pena na vida». <sup>17</sup>

Vivemos normalmente – por contraste – amplas vertentes da nossa existência com uma imagem falsa de nós mesmos, pondo de quarentena a nossa condição de homens. E isto faz-nos permanecer num estado de anestesia. Por isso Llamazares observa: «Se esta catástrofe sanitária nos pode servir para alguma coisa, é para nos lembrar da fragilidade de tudo, algo que nos esquecemos assim que vivemos alguns anos de paz e de bem-estar seguidos». <sup>18</sup>

### *Quais são as consequências do torpor?*

Deixa-nos indefesos diante dos imprevistos da vida. Como escreve ainda González Sainz, «quando a realidade mais crua e real irrompe com brutalidade como agora, quando a distância entre os factos e os relatos,

<sup>17</sup> Cartas, “Com todos, nós partilhamos a mesma pergunta”, [portugues.clonline.org](http://portugues.clonline.org), 16 de abril de 2020.

<sup>18</sup> *El País*, 28 de março de 2020.

entre os nomes das coisas e as coisas dos nomes, se reduz ao mínimo, todas as ilusões simuladoras, toda a máquina infernal da mentira e da hipocrisia, e toda a vã ignorância e a falta de prudência, de rígida adesão à realidade e ao seu controlo e gestão mais eficaz, tempestiva e efetivamente benéfica, são as piores armas para enfrentá-la. A realidade apanha-nos desprevenidos, desarmados e prisioneiros dos hábitos mentais mais contraproducentes».<sup>19</sup>

*«A realidade mais crua e real irrompe com brutalidade...» São palavras sombrias...*

A realidade não nos está a dar tréguas. Como escreveu Paolo Mieli no dia 3 de abril, «no mundo já contamos com um milhão de contágios. Um milhão e já sabemos que não vai parar por aqui. Metade da população do globo terrestre está fechada dentro de casa. A Itália tem o recorde de mortes (13.915), seguida de Espanha, que ultrapassou o valor de dez mil. Em Bolonha morreu o primeiro preso, internado no hospital. Na China fo-

<sup>19</sup> «El Mundo». *Portada del Viernes*, 20 de março de 2020.

ram registados confrontos na ponte do Rio Azul com agentes da província de Jiangxi decididos a impedir o tráfego de viajantes provenientes de Hubei, onde tinha acabado de ser declarado o fim do bloqueio. Ao mesmo tempo, foi colocado em isolamento um concelho da província de Henan, fronteiro com a mesma Hubei. Em Hong Kong, começaram a segunda quarentena depois do vírus ter reaparecido, também por causa (defendem as fontes oficiais) da falta de respeito das distâncias de segurança nos restaurantes». <sup>20</sup>

Com a expansão do vírus, estamos a fazer experiência da realidade como alteridade, sombria e surda na sua absoluta diferença: uma presença inexorável, da qual dependemos. Impôs-se, para lá de qualquer redução nossa, a premência da realidade. A sua irreduzibilidade interpela-nos, não larga a presa do nosso eu. Com Nietzsche, tínhamo-nos convencido de que «não existem factos, mas apenas interpretações». <sup>21</sup> A sua sentença, que resistiu por tantos anos como uma verdade indiscutível, em situações como esta

<sup>20</sup> *Corriere della Sera*, 3 de abril de 2020.

<sup>21</sup> Cf. F. Nietzsche, *Fragmentos Póstumos 1885-1887*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, v. 6.

mostra a sua debilidade. A realidade, que parecia uma coisa superada, é teimosa e está a retomar a cena, está a regressar prepotentemente à ribalta. Diante dos nossos olhos há alguma coisa mais do que interpretações: há factos obstinados, que exigem ser considerados e também adequadamente interpretados. O niilismo é – pelo menos, neste sentido – encostado às cordas.

A teimosia da realidade não nos deixa sossegados, ainda que muitas vezes preferíssemos não olhar, como quando, há algumas semanas, vimos desfilarem os camiões do exército levando os caixões dos nossos mortos de Bergamo. Não é sem razão, portanto, que Domenico Quirico se interroga: «Mas interrogar-se sobre a morte, com dignidade, em silêncio, não é um dever cultural que esta circunstância nos impõe?».<sup>22</sup>

A realidade reaparece em toda a sua misteriosidade. Ezio Mauro fala das «angústias que nascem do desconhecido, numa dimensão inalcançável»,<sup>23</sup> em relação às quais testamos o limite da nossa capacidade de domínio.

<sup>22</sup> *La Stampa*, 5 de abril de 2020.

<sup>23</sup> *la Repubblica*, 11 de março de 2020.

*E, quando reaparece nesta misteriosidade, a realidade faz medo...*

O inimigo que estamos a combater, com efeito, não é apenas o Coronavírus, mas precisamente o medo. Um medo de que sempre nos apercebemos e que, contudo, explode quando a realidade mete a nu a nossa impotência essencial, assumindo as rédeas em muitos casos e fazendo-nos às vezes reagir de forma desordenada, levando-nos a fecharmo-nos, a desesperar. Foi o que sublinhou Ilvo Diamanti, sempre atento aos tumultos da nossa sociedade: «Vivemos no “tempo do medo”. [...] Porque a in-Segurança e a in-Certeza acompanham-nos há muitos anos. Provavelmente, desde sempre. [...] Assim, o medo entrou na nossa vida. No nosso mundo. Muito antes que irrompesse o Covid. [...] Longe dos outros. Cada vez mais sós. [...] Corremos o risco de perder a esperança. E a nós mesmos».<sup>24</sup> Mas sucumbir ao medo não é o único caminho.

*O que quer dizer?*

Em momentos como estes, torna-se visível

<sup>24</sup> *la Repubblica*, 9 de março de 2020.

o caminho de amadurecimento que cada um fez, pessoalmente e juntamente com os outros, a consciência de si que ganhou, a capacidade ou incapacidade de enfrentar a vida que descobre ter. As nossas pequenas ou grandes ideologias, as nossas convicções, mesmo as religiosas, são postas à prova. A crosta das falsas seguranças mostra as suas rachas. É em circunstâncias como esta em que estamos imersos que percebemos que «a força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência, isto é, da percepção que ele tem dos valores que definem a sua personalidade»,<sup>25</sup> na clareza com que se percebe a si mesmo e àquilo por que vale a pena viver.

*Como e o que quer dizer agir como homens diante desta circunstância que, quer queiramos, quer não, nos diz respeito a todos, embora de maneiras diferentes: uns na linha da frente a lutar contra a doença (doentes, médicos e profissionais de saúde), outros garantindo os serviços essenciais (dos empregados dos supermercados às forças da ordem), outros*

<sup>25</sup> L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*. Diel, Lisboa 1997, p. 139.

*partilhando situações de necessidade (voluntários, religiosos e tantos outros), outros ainda fechados em casa em obediência à regra do isolamento e do “distanciamento social”?*

Há um ponto que nos une a todos, e é a disponibilidade de aceitar o chamamento que vem da realidade. Qualquer que seja a circunstância em que nos encaixamos, entre as listadas acima, qualquer que seja a tarefa que nos foi confiada ou que escolhemos exercer, aquilo que acontece – ou seja, a parte de realidade que nos diz respeito e se aperta à nossa volta – interpela-nos, chama-nos a responder. Não temos outro lugar onde a vida se pode jogar como significado, como destino; não temos outro modo de caminhar para a nossa realização fora das circunstâncias em que nos encontramos. Isto, permito-me dizê-lo, vale para todos. No seu livro mais conhecido, *O sentido religioso*, don Giussani afirma: «A condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver sempre intensamente o real».<sup>26</sup> A sua concepção da religiosidade é uma concepção que nos impele a reconhecer qualquer circunstância como chamamento, ou seja, como vocação.

<sup>26</sup> Idem, *O sentido religioso*, op. cit., p. 151.

A circunstância, aquilo que instante após instante nos diz respeito e nos provoca, é o detalhar-se de uma realidade que não é feita por nós, que remete, quanto à sua origem última, para algo diferente, além de nós, maior do que nós, para aquela origem insondável a que chamamos – precisamente – Mistério. A religiosidade manifesta-se como intuição vivida do Mistério, desta enigmática incommensurabilidade, na relação com qualquer circunstância da realidade. Por isso, diz ainda Giussani, «viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias por que o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. [...] A vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino te faz passar».<sup>27</sup> Giussani estava bem consciente da vertigem que isto introduz na vida: «o homem, a vida racional do homem devia estar suspensa do instante, suspensa em cada instante, desse sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arranca, me chama ao seu desígnio. É dizer “sim” a cada instante

<sup>27</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 1995, p. 67.

sem ver ninguém, simplesmente aderindo à pressão das ocasiões. É uma posição vertiginosa». <sup>28</sup> É difícil para mim encontrar uma expressão mais adequada para descrever a situação que estamos a viver quando realmente estamos diante do que acontece: um vertiginoso estar suspensos «em cada instante desse sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias». Porém – digo – esta é a única atitude racional, porque é através dessas circunstâncias que o Mistério, aquele «desconhecido “senhor”», nos interpela, nos provoca ao seu desígnio misterioso, ou seja, à realização da vida.

*Muitas vezes encaramos as circunstâncias, certas circunstâncias, exclusivamente como um obstáculo à realização de nós mesmos...*

É uma questão permanente. Hoje é o isolamento por causa do Coronavírus, ou uma situação que pode apresentar-se ainda mais grave e difícil, amanhã será o estudo pesado demais ou o trabalho que fazemos e que nunca teríamos escolhido, ou um sucesso gorado onde o esperávamos, uma recusa

<sup>28</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp. 186-187.

afetiva, um amigo ou um colega invasivo, uma doença: haverá sempre alguma coisa que surge como um obstáculo à realização da nossa vida, ao passo que é – vertiginosa e dramaticamente – o lugar em que se joga a realização da vida, a nossa própria relação com o Mistério. É, diria mesmo, uma questão objetiva, não uma escolha. A escolha é relativa ao reconhecimento ou não disto.

*O que pode sustentar-nos nesta “vertigem”?*

Uma companhia humana. Ou melhor, uma determinada companhia humana. Esta resposta conduz-nos a um exame atento da nossa vida social, para ver quem representa uma ajuda e quem representa uma distração em relação a essa vertigem. O isolamento é uma ocasião paradoxal para percebermos qual é a companhia que alimenta de forma profunda a nossa existência. Refiro-me a uma companhia não extrínseca, não justaposta à vida, que não anestesia as perguntas que urgem dentro de nós, mas que, pelo contrário, nos sustenta para olharmos para elas de frente, sem fugir.

Qualquer companhia está sob avaliação, deste ponto de vista, companhia cristã ou

laica, a dos colegas da escola ou da faculdade, do café, dos colegas de trabalho, em família, etc. Quantas vezes cedemos a compromissos com a nossa exigência e baixamos a fasquia, contentando-nos com um âmbito de relações que nos proteja do impacto das coisas, que nos poupe ao desafio das circunstâncias, em vez de nos impelir a vivê-las! Mas semelhante companhia não pode estar à altura do drama: em momentos como este que estamos a atravessar, em que a urgência da vida se torna inevitável e poderosa, isto torna-se mais evidente do que nunca.

*Se o medo nos invade, o que pode vencê-lo?*

Talvez a experiência mais elementar de que dispomos a propósito disto seja a da criança. O que é que vence o medo numa criança? A presença da mãe. Este «método» vale para todos. É uma presença, não as nossas estratégias, não a nossa inteligência ou a nossa coragem, o que mobiliza e sustenta a vida de cada um de nós. Uma presença, a memória operante desta.

Antonio Polito sublinhou o valor da metáfora da mãe com a criança precisamente como resposta ao medo do Coronavírus:

«Vejo aqui a necessidade de termos confiança numa coisa maior do que nós, que nos ama infinitamente e por isso nos protege. Exatamente como fazíamos em crianças»; e fez referência à imagem artística de Nossa Senhora da Misericórdia, que «abre o seu manto e protege o povo».<sup>29</sup>

*E quando o medo é o medo da escuridão da morte?*

A dinâmica não pode ser senão a mesma, pois o humano tem as suas leis. Mas diante do medo profundo, aquele que nos atormenta no fundo do nosso ser e que nos esforçamos para empurrar para o mais longe possível (o medo da morte e de qualquer reflexo seu na vida), é preciso perguntar-se que presença é capaz de vencê-lo. Não é qualquer presença. É por isso que Deus se fez homem, se tornou uma presença histórica, carnal, próxima, como testemunhou (e testemunha) a vida dos seus discípulos, e como relata o Evangelho. Para partilhar o nosso sofrimento humano, Deus fez-se homem, «um homem

<sup>29</sup> *Passos-Litterae communionis*, n. 223, abr./2020, p. 11.

de nome Jesus, de Nazaré, filho de Maria, que [...] daquela vez em Naim, vendo uma mãe, viúva, que acompanhava ao sepulcro o caixão do filho morto, tinha sido tomado pela emoção e, avançando, tinha-lhe pousado a mão no ombro, dizendo: “Mulher, não chores”, com uma estranha incongruência. E depois ressuscitou-lhe o filho. Mas como é que se pode dizer a uma mulher viúva a quem morreu o filho: “Não chores”? É absurdo. E, no entanto, era este “absurdo” que deixava as pessoas de boca aberta». <sup>30</sup> Como se terá sentido aquela mulher, investida por um abraço que superava todo o sentimento humano e lhe devolvia a esperança? Aquela morte não era o fim de tudo, aquela mãe viúva não estava condenada a ficar sozinha, porque a semente da Ressurreição estava presente naquele Homem que lhe dizia aquelas palavras inéditas e que logo a seguir lhe restituiu o filho vivo.

*Qual é então a resposta do cristianismo ao drama do homem, da solidão, da dor, da doença, das situações que não têm resposta, como*

<sup>30</sup> L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*. Paulus, Lisboa 2019, pp. 53-54.

*tantas das que vimos acontecer copiosamente nestes dias?*

Paul Claudel tem a este propósito uma observação ardente: «Uma pergunta apresenta-se continuamente na alma do doente: “Porquê? Porquê comigo? Por que tenho de sofrer?” [...] A esta terrível pergunta, a mais antiga da Humanidade, à qual Job deu a sua forma quase oficial e litúrgica, só Deus, diretamente interpelado e chamado em causa, era capaz de responder, e a pergunta era de tal maneira grande que só o Verbo podia encará-la, fornecendo não uma explicação, mas uma presença, segundo estas palavras do Evangelho: “Eu não vim para explicar, para dissipar as dúvidas com uma explicação, mas para preencher, ou melhor, para substituir com a minha presença a própria necessidade da explicação”. O Filho de Deus não veio para destruir o sofrimento, mas para sofrer connosco».<sup>31</sup>

Deus não respondeu ao problema da vida, da solidão, do sofrimento, com uma explicação, mas com a Sua presença: veio ao mundo para nos acompanhar na vivência desse sofrimento, fez-se companhia do ho-

<sup>31</sup> *Toi, qui es-tu?* Paris: Gallimard, 1936, pp. 112-113.

mem em qualquer situação em que venha a encontrar-se, para que o homem possa estar diante dela, atravessá-la com uma última e indestrutível positividade. Como disse Bento XVI numa famosa homilia, «só este Deus nos salva do medo do mundo e da ansiedade perante o vazio da própria existência. Só olhando para Jesus Cristo, a nossa alegria em Deus alcança a sua plenitude, se torna alegria redimida».<sup>32</sup>

*Fala de «indestrutível positividade»... Como é isso possível?*

Imagino o contentamento daquela viúva, quando viu ser-lhe restituído vivo o seu único filho; um filho que, porém, iria morrer novamente, mais cedo ou mais tarde, como ela, de resto. O problema voltaria a apresentar-se. Penso então na experiência de São Paulo, quando, estando no cativeiro em Roma, à espera de uma sentença que poderia significar a sua morte, cheio de gratidão e de alegria, escrevia à comunidade de Filipos – que «traz no coração» e pela qual

<sup>32</sup> Bento XVI, *Homilia*, Ratisbona, 12 de setembro de 2006.

nutre «um grande afeto» – palavras que para a maioria pareceriam absurdas: «Para mim viver é Cristo e morrer é ganho». Como era possível? Ele tinha visto Cristo vivo, ressuscitado, definitivamente vitorioso sobre a morte: daí nasciam a sua certeza, a sua alegria, a sua maneira de viver aquela circunstância como qualquer instante da existência («quer eu viva, quer eu morra»). Tudo era determinado pela relação com aquela presença. Ora – digo-o pensando no que está a acontecer nestes dias, que envolve também tantos cristãos –, Cristo não anula o drama e a dor da separação dos nossos entes queridos, mas torna possível vivê-los e lidar com a morte de outra maneira, na qual não domina o nada, mas a certeza da Sua presença vitoriosa, de um abraço sem fim, e portanto do cumprimento da vida, da relação definitiva com Ele. Só pode ser assim para quem viu surgir na sua experiência os sinais deste cumprimento e o crescimento de um desejo acima de todos os outros, o de «estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor»,<sup>33</sup> como escreve São Paulo. Não devido a um desprezo pela vida, mas precisamente por um amor à vida que pede a eternidade.

<sup>33</sup> Fil 1,21.23.

*Mas como pode o homem de hoje, com aquilo que vê acontecer, imerso na mentalidade que respiramos, reconhecer a verdade destas afirmações?*

Essas afirmações só se tornam credíveis se virmos aqui e agora pessoas em que se comprova a vitória de Deus sobre o medo e sobre a morte, a Sua presença real e contemporânea, e por isso uma maneira nova de enfrentar as circunstâncias, cheia de uma esperança e de uma letícia normalmente desconhecidas e ao mesmo tempo traduzida numa operosidade indômita.

Mais do que qualquer discurso reconfortante ou receita moral, aquilo de que precisamos é precisamente de identificar pessoas em quem podemos ver encarnada a experiência desta vitória, de um abraço que permite estar diante da ferida do sofrimento, da dor, em que é testemunhada a existência de um significado correspondente aos desafios da vida.

*Existem pessoas assim?*

Existem, e como! E em momentos como o atual é ainda mais imediato identificá-las, por causa da forma diferente como vivem, da es-

perança que trazem consigo. Junto delas, no lugar onde as encontrarmos, será possível recomeçar mais facilmente, levantarmo-nos das quedas, reconstruindo pouco a pouco um tecido social em que o entrincheiramento e o medo não sejam a última palavra.

Vejo muitas pessoas destas também entre os médicos, as enfermeiras e os enfermeiros. São presenças verdadeiramente «amigas», que nos testemunham um caminho possível; são presenças que nós não programamos, tão excepcionais – embora nas mesmas circunstâncias de todos – que nos deixam sem palavras, em silêncio. Como a pessoa que escreveu a carta que agora cito. Pensei se a devia reproduzir aqui, pois tem uma referência a meu respeito, mas pareceu-me que ainda assim valia a pena.

«De repente fui catapultada para a trincheira. Parece que estamos em guerra. O meu quotidiano, no trabalho e na família, mudou de um dia para o outro. Como médica, como mãe, como mulher, passei a dormir em isolamento do meu marido, sem ver os meus filhos há duas semanas, sem poder ter um contacto direto com os doentes. Entre mim e os meus doentes há uma máscara, uma viseira e o escafandro deles. Em geral são idosos que vivem este momento

sozinhos. Têm medo. Morrem sozinhos. E os parentes, isolados em casa, não podem assistir os seus entes queridos, e recebem telefonemas a meio da noite em que lhes comunico a morte do seu familiar: entre mim e eles há o telefone. Que posso fazer eu humanamente por eles, enquanto cristã? Entro na enfermaria, procuro o sorriso e o abraço de uma enfermeira amiga: neste momento de isolamento também preciso de me sentir fisicamente junto de alguém. E só posso abraçá-los a eles. Perante tudo isto, sustenta-me reler todos os dias a carta do Carrón ao *Corriere della Sera*,<sup>34</sup> que me ajuda a voltar a uma posição de abertura, a perguntar-me o que é que no fundo, resiste. Sou chamada a reconhecer o essencial, o verdadeiro. Além disso há todo o percurso feito sobre o texto da Escola de Comunidade: a provação é a maneira com que a fé pode crescer, se a liberdade se jogar diante da Preferência que nos pede tudo. E isso é vertiginoso. Nós temos de confiar e assumir esse risco. A certeza que sustenta a nossa vida é um vínculo, uma ligação, e há um caminho a fazer para chegarmos a esta

<sup>34</sup> “Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”, *Corriere della Sera*, 1 de março de 2020.

certeza afetiva. As circunstâncias são-nos dadas para nos ligarmos mais a Ele, que está a chamar-nos de um modo misterioso. A fé é confiar que Ele nos está a chamar. “Só quando domina uma esperança fundamentada é que ficamos em condições de encarar as circunstâncias sem fugir.” Somos chamados mais do que nunca a responder-Lhe, que nos chama misteriosamente. É esta a certeza que posso dar aos meus doentes, aos seus parentes, para além de prestar os cuidados médicos».

São presenças que comunicam uma certeza, uma esperança fundamentada, a quem quer que encontrem no seu caminho e só podem comunicá-la porque a vivem.

*Não basta, em suma, um discurso “cristão”...*

Só o testemunho, a prova da diferença humana gerada pelo encontro cristão reconhecido e verdadeiro, servem. E não podemos “inventar” testemunhos, só podemos comunicar, oferecer aos outros aquilo de que fazemos experiência como caminho pessoal. Falei recentemente com uma pessoa cujo marido foi testado positivo com o Coronavírus. Não pode ir vê-lo, não pode estar com

ele nem sequer um minuto. Além disso tem uma filha pequena. Dizia-me: «Vês? Neste momento queria oferecer-lhe a minha ajuda, a minha proximidade, e em vez disso estou aqui, presa, com a minha filha». Tentei dizer-lhe: «É preciso que também tu aceites responder à circunstância que tens, tal como o teu marido está a tentar fazer em relação à realidade que enfrenta. Senão, se não fizeres tu um caminho, se não viveres tu a relação com uma Presença que vence o medo, quando lhe ligares através do *FaceTime* para ele te ver a ti e à filha, que ajuda lhe vais dar? Tu só podes ajudar na sua dificuldade, oferecer-lhe um contributo enquanto ele sofre no hospital com o Coronavírus, se fizeres o teu caminho: ainda que não lhe digas uma palavra, no teu rosto ele poderá então ver a esperança que o pode sustentar».

*O que lhe suscitam as pessoas que, como se diz, se encontram na primeira linha da frente da batalha contra o Coronavírus, que estão expostas diariamente ao risco?*

Assisti nestas semanas à explosão de uma generosidade, de uma dedicação e de um cuidado que me comoveram profundamente. É

uma gratidão imensa o que sinto por quem, colocando-se a si mesmo em risco, partilha a necessidade dos seus irmãos homens.

«Quando vemos outras pessoas que estão numa situação pior do que a nossa, sentimo-nos impelidos a ajudá-las, partilhando algo que é nosso. Esta exigência é tão original, tão natural, que existe em nós mesmo antes que tenhamos consciência dela, e por isso nós a denominamos justamente lei da existência. [...] O facto de nos interessarmos pelos outros, de nos comunicarmos aos outros, leva-nos a cumprir o supremo, aliás, o único, dever da vida, que é o de realizar a nós mesmos». <sup>35</sup> O encontro cristão tem o objetivo de sustentar e tornar cada vez mais estável e verdadeiro este ímpeto humano, de exaltar a humanidade do homem, para que a vida se possa tornar, em cada expressão sua, «caridade», dom comovido e gratuito de si.

*Este período de solidão forçada, esta “circunstância”, não é um obstáculo para a experiência cristã de que falou? O “distanciamento social” impõe um distanciamento também dessas*

<sup>35</sup> L. Giussani, *O sentido da caritativa*. In: Arquivo, [portugues.clonline.org](http://portugues.clonline.org), p. 4.

*“presenças” a que se referia há pouco, um arrefecimento da partilha, da companhia...*

Pelo contrário, pode ser uma grande ocasião para o aprofundamento da experiência cristã, para o amadurecimento da fé, ou seja, para a descoberta do conteúdo do encontro feito, da origem daquela companhia que começamos a experimentar como lugar gerador de nós mesmos, da nossa própria consistência. Se não se der esta descoberta, ficamos na superfície, corremos o risco de reduzir sociologicamente o acontecimento cristão, de esvaziar a companhia do seu significado autêntico. Tento explicar-me com um episódio. Um jovem amigo meu formou-se e começou uma vida nova. Em consequência, já não conseguimos ver-nos com a mesma frequência de quando ele ia à faculdade. Recentemente, queixava-se disso comigo. Lembrei-lhe um trecho do Evangelho. Certo dia, os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam que se tinham esquecido de trazer pão. Apesar de terem testemunhado dois enormes milagres—duas multiplicações de pães como nunca tinham acontecido na história —, começaram a brigar entre si por se terem esquecido dos pães. Fiz notar ao meu amigo que Jesus estava lá, ao lado deles, no barco! E eles continua-

vam a queixar-se! O problema não era que estivessem sozinhos, já que Jesus estava com eles, mas para eles *era como se não estivesse*. E, de facto, discutiam entre si porque não tinham pão! Para mostrar onde estava o problema, Jesus não fez mais um milagre. O que é que adiantaria fazer mais um, depois de todos os que eles já tinham visto? Que contributo dá Jesus, então? Faz-lhes três perguntas. A primeira: «Quantos pães sobraram depois da primeira multiplicação?» E depois: «Quantos sobraram depois da segunda?» E por fim: «E ainda não compreendem?»<sup>36</sup>. Como é precioso o contributo que Jesus dá aos seus amigos, ao não lhes poupar as perguntas! Não acrescenta explicações, não realiza outros milagres, mas solicita-os, a partir da experiência deles, a usar a razão até o fundo, de modo a que possam dar-se conta de *quem* tinham encontrado (tinham com eles o dono da “padaria”!). Atenção: se não tinham compreendido, não era porque estivessem sozinhos ou não dispusessem de elementos suficientes, mas porque ainda não tinham usado bem a razão. Com efeito, Jesus tinha-se-lhes revelado através dos muitos sinais que tinham visto, de uma resposta excepcional, finalmente correspon-

<sup>36</sup> Mc 8,19-21

dente ao coração e à sua necessidade de homens, deles e dos outros, em tantas ocasiões, mesmo dramáticas, mas ainda não tinham reconhecido quem Ele era, com aquele reconhecimento que se chama fé e que «floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade».<sup>37</sup>

A fé cristã não é o reconhecimento do “divino”, mas do “divino presente” no humano, em Jesus de Nazaré, em Cristo, e hoje no sinal de Cristo que é a companhia dos que creem n’Ele. «O acontecimento de Cristo permanece na história através da companhia dos crentes»;<sup>38</sup> «Jesus Cristo, esse homem de há dois mil anos, encerra-se, torna-se presente, sob a tenda, sob o aspecto de uma humanidade diferente»;<sup>39</sup> com um fenómeno de humanidade diferente: a pessoa depara-se e surpreende-se com um pressentimento novo de vida, algo que aumenta a sua possibilidade de certeza, de positividade, de esperança e de utilidade na

<sup>37</sup> L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 41.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>39</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”. In: *Passos-Litterae communionis*, n. 100, out./2008, p. 2.

vida. A muitos de nós pode ter acontecido esse “impacto”, sem que tenha amadurecido aquele reconhecimento que se chama fé, que floresce como graça no limite extremo da dinâmica racional, implicando então todo o percurso da razão, da afeição e da liberdade do homem. Esta circunstância de isolamento forçado, precisamente na medida em que nos solicita a não dar por óbvia a realidade humana com que nos deparamos, pode ser uma grande ocasião para o desenvolvimento mais consciente e pessoal deste percurso, para nos darmos conta da natureza do acontecimento que nos alcançou na forma de um encontro humano fascinante e persuasivo. Podemos aproveitar a ocasião ou entregar-nos à lamentação, como os discípulos no barco.

*Resta ainda, de qualquer maneira, nesta situação de isolamento forçado, o facto de não podermos partilhar a dor e o sofrimento dos nossos entes queridos, o facto de termos de os abandonar num hospital...*

Foi a questão que me colocou uma rapariga de Madrid durante o encontro com alguns universitários com os quais me liguei

em videoconferência na última semana de março. Dizia: «Nestes dias, o meu avô está no hospital, provavelmente vai morrer, e na família temos uma pergunta grande, pois não podemos estar lá com ele; não só está a morrer, como está a morrer sozinho. Eu sinto toda a minha impotência e digo-me: “Por que razão não posso estar com ele? Por que não posso fazer-lhe companhia agora?”». É evidente aqui que a circunstância exige e, em certo sentido, impõe um sacrifício: aquilo que gostaríamos de fazer não é realizável, está-nos impedido. Mas o ponto é novamente se a circunstância, tal como nos é “dada”, ou seja, na sua inexorabilidade – não podemos tirá-la, mudá-la, modificá-la; senão, principalmente em casos como este, tomaríamos imediata e sensatamente medidas para o fazer –, é um túmulo, vazio absoluto, pura aniquilação, ou se é vocação, lugar de um chamamento misterioso, a maneira com que o Mistério – que toda a realidade implica – me provoca para o cumprimento da vida, para o caminhar para o destino. Esta é a alternativa.

Se reconhecer a realidade como um chamamento, aquela rapariga pode dizer, como de facto disse, prosseguindo com a sua intervenção: «Também esta circunstância é

para mim. Também esta impotência é para mim. Também a solidão do meu avô no hospital é para ele. A mim, é-me pedida a disponibilidade para aderir ao sinal do Mistério que são as circunstâncias, para seguir a provocação da realidade». É vertiginoso, dizia eu antes, e é dramático. O Mistério fez-se carne para que o homem pudesse sustentar esta vertigem, atravessar a abraçar este drama. Aquela rapariga testemunhou-o diante de todos os que a ouviam. O «sim» à circunstância torna-se «sim» ao Mistério feito carne, àquele homem, Jesus Cristo, morto e ressuscitado, presente aqui e agora – dois mil anos depois – na carne de uma companhia humana gerada por Ele, distinguível por determinados traços de humanidade inconfundíveis. «A verdade da fé», dizia Giussani em 1972, num momento histórico denso de dificuldades, vê-se «pela capacidade que tem de tornar instrumento e ocasião de amadurecimento» aquilo que nos «surge como objeção, perseguição ou dificuldade de qualquer tipo». <sup>40</sup>

<sup>40</sup> Idem, “A longa marcha da maturidade”, *Passos-Litterae communionis*, n. 92, abr./2008, p. 18.

*Portanto, quem está confinado entre as paredes de casa é chamado a fazer a mesma experiência de quem está na primeira linha?*

O coração da experiência não muda. Trata-se de responder à realidade que nos chama, à sua misteriosa profundidade, trata-se de, precisamente através das circunstâncias que nos são dadas, dar um passo rumo ao nosso destino, à nossa realização, descobrindo o quê, quem nos ajuda a mantermo-nos nesta tensão. Estou a pensar agora num jovem universitário, que até há algumas semanas estava no centro de um redemoinho de relações, sempre fora de casa, mergulhado em mil encontros e iniciativas. De repente o decreto do governo obriga-o, como a toda a gente, a “isolar-se” em sua casa. Dias e dias, 24 horas por dia, em contato com os seus pais. Em vez de entender isso como uma desgraça, acolheu-o como uma possibilidade, uma provocação, no sentido que acabamos de referir. E passadas duas semanas escreveu-me:

«Perante a perspectiva de ficar em casa, fiquei tomado pelo medo, pois sempre tentei escapar de casa, nunca me senti à vontade. Depois, porém, lembrei-me do olhar de gratuidade que recebi nestes anos, no encontro

com algumas pessoas da comunidade, e dos momentos em que neste período consegui estar com meus pais sem “os medir”. E apercebi-me de que isso aconteceu quando, no meu dia, reconheci Cristo presente: só nesses momentos é que eu era livre diante deles. Comecei este isolamento rezando como nunca tinha rezado. Dizia: “Peço-te, Senhor, faz-te presente”. O que me tem surpreendido é que comecei a ver que o defeito nunca esteve totalmente neles, e sim em primeiro lugar em mim, porque eu olhava para eles segundo uma imagem de perfeição, comparava-os a outros e desqualificava-os. Nestes dias comecei a “olhá-los”, apercebi-me de quem são. Até agora, tinha estado diante deles pensando que sabia tudo sobre eles, e por isso nem tentava entabular uma conversa, passar algum tempo com eles. Agora, nestes tempos, eles são os meus companheiros de vida e estão a acontecer coisas que eu não podia imaginar».

Aquele rapaz não pôde continuar a tratar os pais segundo a imagem de família que tinha, a convivência estreita – aceite, vivida como vocação – levou-o a lidar com eles como eles são verdadeiramente, e isto foi um ganho para a sua vida, viu os efeitos disso imediatamente. Disse sim ao desafio

da realidade e assim deu passos inesperados.

Aderindo às circunstâncias, indo ao fundo de determinadas situações – em que somos “obrigados” por força das circunstâncias –, podemos fazer descobertas que marcam um ponto de não retorno na nossa vida. Testemunhou-o recentemente uma jovem universitária que, noutro encontro por videoconferência, contava:

«Há algumas semanas, depois de um ano de doença, a minha mãe morreu. Exatamente uma semana depois do funeral, encontrei-me fechada em casa e sozinha. Os meus irmãos vivem no estrangeiro e o meu pai sai de casa às 6h30 da manhã para ir trabalhar no hospital e volta às 8h30 da noite. Nestes dias de solidão, que não nego serem muito exigentes, apercebo-me, porém, de como esta situação e condição podem ser privilegiadas. Para não perder o dia inteiro, sou obrigada a perguntar-me, desde que abro os olhos, de que é que verdadeiramente preciso. Peço a alguns amigos para me fazerem companhia e me contarem o que estão a viver. Além do mais, esta condição não me permite distrair-me da morte da minha mãe, aliás, até o ocupar-me desajeitadamente com as coisas de casa me lembra os gestos e as palavras dela, vinte e quatro horas por dia. Contu-

do, na dor que sinto aumentar cada vez mais conforme os dias passam, dou-me conta de que a minha mãe, ainda que de forma diferente de antes, está presente na minha vida, faz com que eu me mova em dias aparentemente todos iguais. Funciona exatamente como com o meu namorado, que não está fisicamente comigo, mas está presente; vive a sua quarentena a quilómetros de distância, e só o facto de ele existir e me lembrar dele durante o dia faz com que eu me mova. A vida que se gerou em mim depois da morte da minha mãe – estou a viver esta solidão fazendo simplesmente o que tenho de fazer, mas com uma serenidade de fundo que não consigo explicar – faz-me dizer, mesmo com as pernas a tremer, que Cristo faz verdadeiramente a vida vencer sobre a morte. Nestes dias há em mim uma enorme gratidão por tudo o que aconteceu. Ao mesmo tempo, cresce também em mim uma dor, porque o meu pai à noite volta angustiado do hospital, com umas saudades infinitas da minha mãe, e os nossos jantares decorrem sempre em silêncio. A minha impotência deixa-me triste, pergunto-me o que me é exigido nesta circunstância, o que significa realmente “oferecer” uma máquina de roupa ou uma página de estudo».

Que contributo poderá dar esta rapariga ao seu pai, quando este chega a casa à noite morto de cansaço e não tem vontade de falar? Exatamente o caminho que está a fazer, a consciência de si e daquilo que a faz viver que está a despontar nela, o seu rosto marcado pela gratidão.

*Recentemente, numa carta aos amigos de Comunhão e Libertação, precisamente sobre a situação determinada pelo Coronavírus, escreveu: «O reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós pode ser obrigado a estar, é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje, antes de qualquer tentativa legítima de nos fazermos companhia, que de todo modo deve ser procurada nos limites do permitido». Posso pedir-lhe para explicar o que queria dizer?*

Queria dizer que o maior contributo que nós damos ao mundo é o nosso «sim» ao chamamento do Mistério, o nosso «sim» a Cristo, a fé, e não, em primeiro lugar, aquilo que conseguimos fazer. De facto, mesmo quando fazemos – como aqueles que nestes dias estão na linha da frente –, o nosso maior contributo continua a ser este «sim»,

porque este – quanto mais for vivido de forma autêntica – muda a própria forma de fazermos o que fazemos, torna-o ainda mais útil para os nossos irmãos homens. Que fique claro, não há nenhuma oposição entre a fé e a ação, pelo contrário: a fé é o que fundamenta a ação na sua plenitude e indomabilidade, é a raiz da ação que assume – por graça – a forma da caridade, de uma afirmação incondicional do bem do outro, que irá explicitar-se conforme a diversidade das ocasiões. O contributo mais original que podemos dar ao mundo é o nosso reconhecimento de Cristo, o nosso «sim» a Ele, quer se trate de fazer, quer se esteja na impossibilidade de fazer. Na Quaresma de 2006, Bento XVI expressou isto em termos que todos recordamos:

«Mesmo neste tempo da interdependência global, pode-se verificar como nenhum projeto económico, social ou político substitua aquele dom de si mesmo ao outro que brota da caridade. Quem age segundo esta lógica evangélica, vive a fé como amizade com o Deus encarnado e, como Ele, provê às necessidades materiais e espirituais do próximo. Olha-o como mistério incomensurável, digno de infinito cuidado e atenção. Sabe que, quem não dá Deus, dá demasiado pouco; como dizia frequentemente a Beata

Teresa de Calcutá, a primeira pobreza dos povos é não conhecer Cristo. Por isso, é preciso levar a encontrar Deus no rosto misericordioso de Cristo: sem esta perspectiva, uma civilização não é construída sobre bases sólidas». <sup>41</sup>

A situação que tantos estão a viver, de isolamento e de inação forçada, pode ser uma ocasião para nos darmos conta de que a fé vivida é o contributo original que, como cristãos, podemos dar aos outros: porque, se na nossa tentativa de fazer companhia – procurada nos limites que hoje nos são impostos – não se manifestasse Cristo, o nosso “sim” a Cristo, daríamos ao outro «demasiado pouco», não lhe daríamos o essencial. Desta forma, até no isolamento em que cada um de nós pode ser obrigado a estar, o nosso «sim» a Cristo é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje, antes de qualquer tentativa legítima de se fazer companhia, pois é o coração disso.

*Isto subverte a imagem que geralmente temos do nosso contributo ao mundo, ao bem das pessoas, começando pelas que nos são mais*

<sup>41</sup> Bento XVI, *Mensagem para a Quaresma de 2006*.

*queridas. É a razão por que muitos se sentem um pouco inúteis. Em suma, a impossibilidade de “fazer” desencoraja...*

Lembro-me sempre do facto de Santa Teresinha do Menino Jesus, uma freira de clausura que morreu muito jovem, ter sido proclamada pela Igreja padroeira das missões. Como é possível? O que é que a Igreja diz dela? Que o seu «sim» – escondido, inoperante segundo a mentalidade do mundo – coincidiu com o bem do mundo. Percebo que isto subverte a imagem que normalmente temos do contributo a dar aos outros. Como é possível que uma rapariga que nunca saiu do mosteiro possa ser indicada pela Igreja como a maior missionária, a padroeira das missões? Parece absurdo. E no entanto, o «sim» daquela jovem freira teve um significado poderoso para o mundo. Pensemos apenas em quanta gente foi mudada pela sua fé, pelo seu testemunho de vida, direta ou indiretamente. Como repito muitas vezes, o «sim» de Nossa Senhora, dito na enigmática obscuridade da sua condição, foi o maior contributo para a vida do mundo e de cada homem, como para nós o «sim» de *don Giussani* e de tantos outros.

Li nestes dias o livro *Van Thuan. Livre*

*entre as barras*, de Teresa Gutiérrez de Cabiedes,<sup>42</sup> que conta a história de um grande testemunho de fé, uma vida vivida na adesão coerente e heróica à própria vocação, como disse dele o Papa João Paulo II. Em 1975, François Xavier Nguyen van Thuan, pouco depois da sua nomeação como arcebispo auxiliar de Saigão (Ho Chi Minh Ville, Vietname), é acusado de traição e detido: «Nguyen van Thuan, [...] fizemos-te trazer aqui porque és culpado de ter causado problemas ao Governo do povo soberano do Vietname. És acusado de propaganda imperialista e de ser um infiltrado das potências estrangeiras». Passaria 13 anos na prisão, dos quais 9 em isolamento. Fiquei impressionado pela forma como viveu aquela circunstância. Encerrado numa prisão horrível, também ele se interroga sobre a utilidade que pode ter a sua vida: «De que me serve conservar a vida, se não consigo cumprir a missão para a qual nasci?». Por isso, «prostrado por terra, voltou a implorar a Deus, pedindo-lhe que o libertasse. [...] «Deixei sozinhos os meus órfãos, os meus pobres, a minha família. [...] E agora? Que sentido tem revoltar-me aqui

<sup>42</sup> T. Gutiérrez de Cabiedes, *Van Thuan. Libre entre rejas*. Madrid, Ciudad Nueva, 2016.

como um inseto?». Tudo lhe parecia inútil, mas o Mistério tinha-lhe reservado uma surpresa. No seu diálogo interior com Deus, ouviu uma voz que lhe disse: «O que fizeste é grande. [...] Queixas-te por não poderes trabalhar para mim. Por que não me confias os teus projetos? Amas-me a mim ou às obras que fazes por mim? [...] Preocupas-te com os teus porque os amas. Quanto mais desejo ajudá-los, eu! Confia em mim. Tomarei conta das tuas obras lá fora».<sup>43</sup>

Ele viu o resultado do seu «sim» com o tempo, pois ao início certamente não conseguia imaginar o que ia nascer daquela sua entrega. Só quando aceitou percorrer o caminho misterioso que se tinha desenhado à sua frente é que viu, com surpresa, que todos aqueles que encontrava na prisão mudavam. Sobretudo os guardas que o vigiavam. Tanto assim que os oficiais os substituíam continuamente, porque não conseguiam evitar o «contágio», não conseguiam evitar que as pessoas que entravam em contato com Van Thuan mudassem. «Todos querem partilhar a cela contigo», gritou-lhe na cara quem o mantinha na prisão, «mas não vou permitir

<sup>43</sup> Ibidem, pp. 9-10, 67-69.

que contagies todos os meus prisioneiros». <sup>44</sup> Às vezes esse florescimento é evidente aos nossos olhos, às vezes não, mas isso não quer dizer que aquele «sim» ao Mistério não produza efeitos no presente.

A coisa que mais me impressionou foi o momento em que Van Thuan se pergunta por que é que o Mistério permite que ele atravesse aquela circunstância. Era a mesma pergunta que lhe faziam os guardas, que não conseguiam explicar por que razão persistia na sua atitude quando, arrependendo-se de “ter traído” a pátria, seria libertado e poderia ter um futuro esplêndido. Quanto mais somos desafiados pelas circunstâncias, mais a pergunta do porquê vem ao de cima. Ao enésimo interrogatório a esse respeito, que lhe é feito por quem o quer preso, responde que tivera bastante tempo para refletir se era um erro persistir naquela atitude, ou seja, entregar-se ao desígnio de Outro, e acrescenta que quanto mais pensava nisso, mais se sentia feliz por ter recebido, por ter visto florescer em si uma liberdade à prova de prisão.

O resultado, o contributo para o bem do mundo é a geração de um sujeito livre, com uma liberdade à prova de qualquer tipo de

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 187.

prisão. É algo que só se cumprirá na eternidade, mas que se pode vislumbrar já no presente: floresce uma liberdade inimaginável, que é um testemunho diante de todos: «Como é que fazes? Eu tornei-te a vida impossível...», perguntam-lhe. E Van Thuan: «Como não gritar de alegria quando vejo que Alguém me dá este amor que destrói o ódio e o ressentimento?».<sup>45</sup> Também a ele parece impossível que alguém o faça florescer assim, o torne livre assim, porque o florescimento acontece segundo um desígnio e um tempo que não são os nossos; e se uma pessoa o aceita, o resultado vai além de qualquer tipo de expectativa.

Quem sabe como é que nós, obrigados a ficar em casa para evitar o contágio, estamos a lidar com a circunstância que vivemos! Estamos a sufocar, como se não tivéssemos saída, ou será que estamos a surpreender-nos mais livres?

*De tudo aquilo que estamos a viver, o que restará quando a emergência tiver passado?*

Alguém escreveu que vamos sair mudados desta grande pandemia. Eu acrescento:

<sup>45</sup> Ibidem, p. 322

sairemos mudados, mas só se começarmos a mudar agora. Quer dizer, se nos dermos conta do que está a acontecer, se estivermos presentes no presente e aprendermos agora a ajuizar o que estamos a viver, confinados nas nossas casas ou comprometidos na linha da frente combatendo o contágio. A mudança não acontece por um simples acumular de impactos, de eventos e de impressões das coisas que acontecem, mas por uma compreensão do sentido do que nos acontece, ou seja, como ganho de consciência. Por isso, a nossa mudança não pode ser mecânica. Sairemos mudados desta situação se aprofundarmos agora, através das provocações que a realidade nos traz, a descoberta de quem somos e por que coisa vale a pena viver, a descoberta do que é que nos permite não ficarmos abatidos. Cito muitas vezes uma frase de Bento XVI:

«Um progresso por adição só é possível no campo material. Aqui, no conhecimento crescente das estruturas da matéria e correlativas invenções cada vez mais avançadas, verifica-se claramente uma continuidade do progresso rumo a um domínio sempre maior da natureza. Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmen-

te porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros – neste caso, de facto, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração seja um novo início».<sup>46</sup>

Isto significa que, se não criarmos o hábito de ajuizar o que vivemos nestes dias de isolamento obrigatório ou de empenho no combate ao vírus, perderemos tudo. Sublinha-o Paolo Giordano: «Faz um mês que o impensável irrompeu nas nossas vidas. [...] Mas num dado momento irá acabar. [...] Enquanto nós, distraídos, só teremos vontade de sacudir tudo de cima de nós. A grande escuridão que cai. O início do esquecimento. A não ser que ousemos refletir agora. [...] Imaginemos o depois, começando agora. Evitemos que o impensável nos apanhe, mais uma vez, de surpresa».<sup>47</sup>

Trata-se de uma verificação que temos de fazer no caminho diário, desde o primeiro despertar até quando vamos dormir à noite.

<sup>46</sup> Bento XVI, *Spe salvi*, §24.

<sup>47</sup> *Corriere della Sera*, 21 de março de 2020.

Giordano escreve ainda: «Decidi empregar este vazio escrevendo [...]: não quero perder aquilo que a epidemia nos está a revelar sobre nós mesmos. Superado o medo, qualquer consciência volátil vai desaparecer em um instante», mas «certas reflexões que o contágio suscita agora ainda serão válidas». <sup>48</sup> É claro que sem um trabalho sobre nós mesmos, tudo vai desaparecer e voltaremos às coisas de sempre sem termos aprendido nada com esta estranha e dolorosa circunstância. Mas só nós é que podemos decidir fazer esse trabalho: é a única coisa a que nenhum decreto ou regra poderá obrigar-nos. A este nível não há nada de mecânico. Portanto, decidamos! É um trabalho que exige atenção, no qual razão e liberdade devem estar sempre despertas, prontas a captar o instante que passa. Caso contrário, o sacrifício e a preocupação simplesmente deixarão lugar ao esquecimento. Eugenio Borgna, como conhecedor que é do espírito humano, está bem consciente disso: «Facilmente, uma vez cessado o perigo, entra nos homens o esquecimento. Haverá alguns, porém, não sei quantos, que neste tempo de dor terão usado a ocasião para estarem mais atentos, para se ouvirem a si mesmos e aos

<sup>48</sup> *Corriere delle Sera*, 24 de março de 2020.

outros mais profundamente. Sim, alguns de nós, depois desta áspera provação, renascerão: capazes de uma nova esperança».<sup>49</sup>

*Enquanto isso, porém, a pandemia persiste. A este ponto, é evidente para todos que não se trata de um fenómeno passageiro.*

Aqui surge a preciosidade do tempo, que submete a uma verificação a nossa posição diante das coisas, a nossa maneira de encarar a vida, as relações, as situações. Quando a realidade não se curva às nossas expectativas, às nossas estratégias e iniciativas, torna-se visível a maior ou menor consistência do nosso sujeito e da bagagem de convicções que trazemos connosco, laicas ou religiosas.

*Desde o início que assistimos a muitas oscilações na forma de encarar e fazer frente à epidemia. Por que razão há tanta dificuldade em enveredar por uma via adequada?*

Não tenho os instrumentos para responder sobre essa matéria. Limito-me ao que cons-

<sup>49</sup> *Avvenire*, 25 de março de 2020.

tato no meu campo de experiência e que vale para mim. Há uma afirmação de Chesterton que eu acho desarmante: «O mal não é que os sábios não vejam a resposta, mas que não vejam a pergunta».<sup>50</sup> A condição para ver a resposta é ver a pergunta. E isto implica uma determinada postura diante da realidade, um deixar-se interpelar por ela, um seguir as suas sugestões, disponíveis para rever ideias e projetos e para aprender com todos aqueles que possam dar-nos uma ajuda. Enfim, é um problema de olhar sobre o real, que diz respeito a cada um de nós. E também de liberdade diante dos próprios erros e do fantasma da vantagem (dos efeitos que queremos obter nos outros). Assim podemos recuperar-nos mais rapidamente dos obstáculos, dos fracassos, da confusão, tendo como único leme a tensão para o bem de todos, e nada mais.

*Se me permite: o que mais o tem sustentado nestes dias?*

Constater muitas vezes a conveniência de não me subtrair aos desafios a que a vida

<sup>50</sup> G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, Edizioni Martello, Milão 1988, p. 49.

não me poupava. Por isso encarei também este desafio, em tensão para descobrir o que é que podia surgir de uma provocação que se revelava cada dia mais nas suas reais proporções. Não consegui estar diante de tudo quanto acontecia sem ser sacudido pelo espanto da Presença que domina a minha vida. E diante da vulnerabilidade que se tornava cada vez mais evidente em todas as suas várias facetas, crescia cada vez mais em mim a pergunta: Que é «o homem, para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares?»<sup>51</sup>

É esta Presença, este Tu, que plasma o olhar sobre o desafio que, juntamente com todos, tenho de enfrentar, permitindo-me viver como homem a vertigem que ele provoca, sem fugir ao drama, à dor, à morte que vejo acontecer à minha volta e, por isso, refletir-se em mim. Tenho tentado viver tudo isto como ocasião de verificação da fé. Deixando-me investir pelas perguntas que a situação faz surgir, surpreendo em mim – espantado – uma luz para as enfrentar, apercebo-me de toda a razoabilidade da abordagem que me é sugerida pela fé.

Jesus toma a sério tudo da minha huma-

<sup>51</sup> Sl 8,5.

nidade e da dos outros. Estou a perceber ainda melhor de onde vinha a certeza inabalável de São Paulo, alcançada precisamente porque nada lhe fora poupado: «Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? [...] Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou. Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso».<sup>52</sup>

Pessoas que vivem desta certeza são uma esperança para todos – tal como o são em primeiro lugar para mim nestes dias –, também para aqueles que se sentem frágeis diante do desafio do vírus e estão longe da fé de São Paulo. Pessoas assim podem acender o desejo de a ter, a esta fé, pedindo-a em cada pequeno ou grande gesto, heroico, do dia.

Quem não desejaria para si esta certeza? Tanto mais que não sabemos ainda como é que vamos sair não só do aspecto sanitário do desafio, mas de todas as outras conse-

<sup>52</sup> Rm 8,35-39.

quências que previsivelmente nos esperam. Só com uma tal certeza é que poderemos verdadeiramente não ficar surdos ao apelo da circunstância e não perder a ocasião de nos tornarmos mais nós mesmos, e por isso mais úteis para os outros.

